

A importância da China e da Índia no desenvolvimento econômico do Brasil

É inegável a contribuição dada pela China ao desenvolvimento da economia brasileira. O gigante asiático era um ator secundário no comércio exterior do Brasil e em menos de três décadas converteu-se no principal parceiro comercial do país, absorvendo quase 20% das nossas exportações, que, infelizmente, se concentraram em produtos com baixo valor agregado, principalmente commodities agrícolas e minerais (minério de ferro e soja em grão, muito especialmente). Mesmo assim, sem a demanda chinesa por esses produtos, seus preços de mercado teriam sido menores e o Brasil não teria logrado os superávits comerciais registrados nas últimas décadas. Sem os dólares auferidos com as exportações para a China, o Brasil seria um país muito mais pobre e pior.

Em 2016, a economia da Índia cresceu a um ritmo superior à economia da China (7,1% vs. 6,7%), porém, a política de desmonetização do país pode desacelerar seu crescimento econômico. Caso contorne este problema e sua economia mantenha elevadas taxas de crescimento, a demanda do país por bens de consumo pode crescer da forma como cresceu na China, no período recente. Alguns especialistas dizem que, em mais uma década, a China terá estabilizado sua demanda de consumo. Neste ponto, espera-se que a Índia possa carear essa demanda, se o programa de modernização econômica em curso no país seja bem sucedido.

O PIB indiano é ainda muito baixo em relação ao chinês (US\$ 2,4 trilhões vs. US\$ 11 trilhões) e a renda per cápita é ainda mais discrepante: cerca de 20% da chinesa. Mas, a China de 30 anos atrás não era diferente da Índia de hoje. O PIB indiano superou recentemente o do Brasil e, segundo estimativas do Banco Goldman Sachs, pode superar o da França e Itália em 2020; o da Alemanha, Reino Unido e Rússia em 2025 e o do Japão em 2035, quando será a 3º maior economia do planeta. Em 2050 poderá ultrapassar o PIB dos EUA em cerca de US\$ 10 trilhões (US\$ 44,1 trilhões da Índia vs. US\$ 34,1 trilhões dos EUA), e, até, superar o PIB chinês, que nessa data, se estima, estará em US\$ 58,5 trilhões.

A Índia é o 2º país mais populoso do mundo depois da China (1,2 bilhões de habitantes) e metade da população ainda depende da agricultura para sobreviver. Mesmo com inúmeros problemas sociais, o país se tornou a 7ª economia do mundo. Adicionalmente, a Índia é o 3º maior

produtor global de grãos e possui o maior rebanho bovino do Planeta. A cultura impede o país de ser grande produtor e consumidor deste alimento, mas não de disputar a liderança no comércio exterior com Brasil e Austrália. A Índia não produz e nem importa carne suína, mas é o 5º produtor e consumidor da carne de frango.

Existem indícios que a próxima década poderá ser a década da Índia no agronegócio, que ocuparia o espaço que foi da China em décadas mais recentes. Por causa dos seus avanços econômicos, as agências Standard & Poors e Moodys outorgaram o Nível de Investimento ao país em 2003, indicando que o país se tornou um lugar seguro para receber investimentos com capital estrangeiro.

Caso o significativo crescimento do PIB nacional seja mantido, isto incorrerá no aumento da renda per capita, o que poderá criar mudanças nos hábitos de consumo dos indianos, como a diminuição da demanda pelo consumo de grãos (arroz, trigo e milho) e aumento da demanda por proteínas animais (carnes, produtos lácteos e ovos). Com isto, a Índia precisaria do Brasil, importando soja em grão e milho ou carnes.

O agronegócio brasileiro poderá respirar aliviado e continuar carregando o piano da economia brasileira, caso se concretizem as previsões positivas sobre o mercado indiano, potencial grande consumidor de produtos brasileiros. Mas seria desejável que, diferentemente do que ocorreu no comércio bilateral com a China, nossas exportações para o novo parceiro não privilegiassem tanto as commodities, hoje favorecidas, infelizmente, pela Lei Kandir, que as isenta de taxas de exportação, que são cobradas dos produtos industrializados.

Autor:

Amélio Dall'Agnol - Pesquisador da Embrapa Soja